

ENSINO DE GRAMÁTICA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE O USO DOS SINTAGMAS NOMINAIS *NÓS* E *A GENTE* NA ESCRITA ESCOLAR

Autora Sandra Gualberto Rodrigues; Coautor Fernando Aquino Melo;
Orientadora Roseane Batista Feitosa Nicolau

Universidade Federal da Paraíba
profufpb@gmail.com

Resumo: A tradição gramatical empregada nas escolas da educação básica do país insiste em uma metodologia de ensino cujo princípio norteador, respalda do pelas ideologias de uma casta dominante, é a manutenção do *status quo* do bem falar e escrever, que pouco tem contribuído para desenvolver a competência comunicativa dos nossos jovens. O ensino vigente de língua portuguesa continua a enfatizar, como algo extremamente relevante para o desempenho linguístico do discente, o domínio de regras e conceitos gramaticais de cunho prescritivo e metalinguístico em detrimento de outros aspectos da língua. Indo em direção contrária a essa concepção, temos as variações linguísticas, surgidas em razão do processo natural de evolução da língua e que, por força do uso, acabam se gramaticalizando naturalmente, pois a despeito do que diz a normatividade, o dono da língua é o povo, não um segmento social deste, representado em um compêndio gramatical de etiqueta linguística. Tendo em vista a realização do sintagma nominal *a gente* como uma variação da língua que, muitas vezes, é a forma pronominal elegida para representar, na fala, a primeira pessoa do plural, influenciando também a escrita dos falantes, desenvolvemos uma análise de caráter reflexivo sobre a ocorrência da expressão *a gente* na função de sujeito da oração em concorrência com o pronome de primeira pessoa do plural *nós* na escrita de alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de João Pessoa/PB. Para tanto, adotamos como referencial teórico nomes importantes da Sociolinguística que explicam esse fenômeno sob a ótica dos estudos variacionistas da língua, enxergando-o não como um desvio da norma culta, e sim como resultado das mudanças naturais por que passam os idiomas. De acordo com os dados obtidos, verificamos que, na escrita escolar, a forma pronominal *a gente* apresenta um percentual de realização equivalente ao pronome *nós*, sendo essa variação condicionada pelos grupos de fatores escolaridade, tema da produção textual e gênero textual.

Palavras-chave: Gramática normativa, Variação linguística, Abordagem sociolinguística, Sintagma nominal, Escrita escolar.

1 Introdução

Este trabalho é fruto de debates e discussões reflexivas ocorridas nas aulas da disciplina Gramática, Variação e Ensino, componente curricular ofertado no Mestrado Profissional em Letras da UFPB, e que surgiu de uma necessidade nossa, enquanto professores de língua portuguesa, de proceder a uma análise – dentro de uma vertente variacionista dos estudos sociolinguísticos – sobre mudanças envolvendo escolhas de certos itens lexicais em detrimento a outros, que se vem registrando paulatinamente na modalidade escrita de alguns gêneros textuais do português brasileiro em decorrência do fenômeno linguístico denominado gramaticalização, que, em linhas gerais, ocorre em virtude da

persistência na oralidade de uma “nova” estrutura lexical no arcabouço da língua.

Dessa forma, dada a natureza do trabalho em tela e a viabilidade duvidosa de se ater eficientemente sobre o estudo dos inúmeros aspectos que um tema profícuo como a variação linguística pode dar ensejo, é que nos debruçamos sobre o uso dos sintagmas nominais *a gente* e *nós*, tomando-os objeto desta pesquisa no que tange especificamente a sua ocorrência no registro escolar de cartas pessoais, na tentativa de mostrar que os fenômenos linguísticos, que se enquadram na definição de “desvios” da norma culta, precisam ser compreendidos por nós, professores de língua portuguesa, não como incorreções a serem banidas das produções escritas dos nossos alunos, mas como manifestações legítimas do processo comunicativo inerente às línguas humanas, que evoluem no decurso do tempo em atendimento às necessidades sociais de seus falantes, de modo que aquilo que foi o “ideal” em uma dada época, muito provavelmente não o será em outra.

Este entendimento se justifica em razão de vários aspectos dos quais podemos citar a faixa etária dos falantes, seu grau de escolarização, o extrato social no qual se encontram inseridos, sua identidade de gênero e uma série de outros fatores que acabam por determinar as formas morfosintáticas, semânticas e fonológicas que passarão a vigorar na língua num dado recorte de tempo, a despeito do que professem as prescrições normativas do padrão linguístico socialmente privilegiado e em vigência na sociedade, o qual, por razões de ordem mais econômicas que linguísticas propriamente ditas, passa a ditar, de forma arbitrária, o que é correto ou errado no tocante ao uso da língua e ao fazê-lo comete dois equívocos crassos: negligencia o caráter variacionista, intrínseco às línguas naturais e, como resultado, enaltece formas vocabulares verdadeiramente anacrônicas à maioria esmagadora de seus falantes, que não as reconhecem para propósitos comunicativos.

Nosso objetivo é analisar a influência de alguns grupos de fatores que favorecem as realizações do pronome *a gente* na escrita escolar, além disso, verificar se as realizações encontradas na fala são utilizadas durante o processo de escolarização.

Como referencial teórico para embasamento deste trabalho, usamos nomes como Bagno (2011), Castilho (2010), Lopes (2003, 2012), Travaglia (2009), além de outros, cujas pesquisas, no campo da Sociolinguística, têm contribuído para que um novo olhar seja lançado sobre o papel do professor e de sua importância na formação da consciência crítica do educando em nossas escolas, uma vez que esta se concretiza, necessariamente, pelo uso da língua em seus mais diversos contextos sociais. Para tanto, torna-se necessário o emprego de uma metodologia que faça uso do ensino de língua portuguesa numa abordagem reflexiva,

variacionista e dialógica sem o ranço dos traços conservadores da norma culta, como afirma Travaglia (2009, p.41)

Todos sabem que existe um grande número de variedades linguísticas, mas, ao mesmo tempo em que se reconhece a variação linguística como um fato, observa-se que a nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certos ou errados, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos etc.

Portanto, esperamos que este trabalho possa contribuir no desenvolvimento desse novo olhar acima mencionado a fim de que os professores de Português compreendam que a sua ferramenta de trabalho é um instrumento importante que, a depender dos objetivos para os quais se deseja usá-la, tanto pode servir de inspiração para o pensamento criativo e libertador como para a consolidação do conformismo e reprodução de valores da ideologia dominante.

Finalmente, no que tange à organização do artigo, o trabalho ficou assim estruturado: primeiro tecemos algumas considerações sobre a apresentação dos pronomes *a gente* e *nós* na gramática normativa nas escolas e a realização desses sintagmas nominais na construção da competência comunicativa, tanto oral quanto escrita, do educando. Em seguida, partimos para a análise em si do objeto de estudo que serviu de mote para o desenvolvimento do trabalho em tela, discorrendo sobre os objetivos da pesquisa e os procedimentos metodológicos nela adotados. Por último, foram feitas as considerações sobre a importância de se manter um olhar sempre reflexivo para as questões que envolvam o ensino de língua, especialmente no que diz respeito ao caráter imutável.

2 A variação *nós* e *a gente* na escrita

Nas gramáticas normativas os pronomes pessoais do caso reto – a categoria de palavras que representa as pessoas do discurso – são apresentados tradicionalmente da seguinte maneira: eu/nós, empregados e referência à 1ª pessoa do enunciado linguístico, ou seja, à pessoa que fala. Tu/vós, usados para se referirem à 2ª pessoa, isto é, àquela com quem se fala e, finalmente, ele/ela, eles/elas para a representação da 3ª pessoa do discurso; em outras palavras, a pessoa de quem se fala. Todas essas formas pronominais, obedecendo à noção gramatical de número, são usadas respectivamente no singular e plural. Entretanto, a despeito desta canônica tripartição dos sujeitos que fazem parte do discurso linguístico, o que se tem constatado nos últimos anos em momentos reais de fala, e mesmo na escrita, são

fenômenos linguísticos que escapam à descrição da gramática normativa por se constituírem, segundo ela própria, em “desvios” da norma padrão, mormente no que tange o seu emprego na modalidade escrita da língua, mas que pela força e persistência do seu uso espelham inegavelmente – ainda que contrários àquela – o caráter de mutabilidade característico dos idiomas humanos. Um desses casos é, sem dúvida, o emprego frequente nas produções escritas do sintagma nominal *a gente* em concorrência com o pronome de 1ª pessoa do plural *nós*.

Vale ressaltar outro fenômeno que se vem constatando nos registros impressos, e que destoia das prescrições normativas da gramática tradicional e dos livros didáticos que a seguem, é a presença cada vez mais recorrente do pronome de tratamento *você* na representação à 2ª pessoa do singular; papel esse, tradicionalmente reservado pela norma culta apenas ao pronome pessoal do caso reto *tu*. Isto também ocorre com a classificação do pronome *nós* que, segundo os ditames da normatividade gramatical, é o único a designar a 1ª pessoa do plural, de modo que a existência da forma *vocês*, como outra representante legítima dessa pessoa do discurso, fica sem o endosso do padrão linguístico socialmente prestigiado da norma culta. É bom ressaltar ao leitor, todavia, que – embora tenhamos feito uso de outros exemplos de fenômenos variacionistas da língua com o fito de ilustrar a discrepância entre o que prega a norma culta, e o que se verifica na oralidade e nos registros escritos contemporâneos – o que será analisado neste trabalho é o uso recorrente do sintagma nominal *a gente* na função de sujeito oracional, tendo em vista sua atual posição de destaque entre os falantes do português brasileiro, tanto na modalidade oral quanto na escrita, uma vez que essa forma mostra-se semelhantemente produtiva como o emprego do *nós* no português do Brasil. Smaniotto (2010, p.27), em seu trabalho sobre o *a gente* reforça esse entendimento.

Já houve muitos estudos com base no português falado no Brasil para demonstrar que a forma *a gente* vem suplantando o pronome *nós* nos últimos 30 anos, segundo Vieira e Brandão (2007). A integração, principalmente no português do Brasil, de *a gente* no quadro de pronomes criou uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis da língua. A substituição do *nós* por *a gente* está se efetivando progressivamente, seja entre os falantes cultos, seja entre os não cultos. Segundo o estudo feito por Brandão e Vieira (2007), nos anos de 1970 o uso da forma *nós* suplantava a forma inovadora, mas uma nova amostra feita tendo como referência os anos de 1990, com novos informantes, aponta o contrário: usa-se mais a forma *a gente* indicando com isso uma rápida aceleração na implantação da substituição do *nós* por *a gente* entre falantes cultos.

Embora os estudos sociolinguísticos apontem para uma grande aceitação da forma *a gente* nos traços da oralidade, isto não implica necessariamente sua plena aceitação nos

registros escritos. Estes, a depender do seu grau de monitoramento linguístico, poderão ou não viabilizar uma maior ocorrência dessa forma em detrimento do pronome *nós*. Portanto, gêneros textuais de padrão formal, a exemplo de artigos de opinião, trabalhos acadêmicos e científicos mostram uma resistência maior ao uso da variante *a gente* devido ao caráter de perenidade que reveste a escrita, fazendo com que as pessoas reflitam em maior ou menor escala – em função do gênero adotado – sobre as palavras que irão constatar no papel, já que elas traçarão ao mundo um perfil de seu escritor. Isto, por conseguinte, traz recuperações (positivas ou negativas) nas esferas de atuação do indivíduo.

Por outro lado, esta resistência ao uso do sintagma nominal *a gente* praticamente inexistente quando fazemos uso de gêneros textuais de menor monitoramento estilístico como a carta pessoal, entrevistas transcritas, diários, etc. Sua grande proximidade aos traços caracterizadores da língua na modalidade oral (como a espontaneidade e uma baixa vigilância no ato de comunicar) possibilita um campo fértil para o emprego dos chamados “desvios” da norma padrão, o que explica a frequência do uso da forma *a gente* em gêneros textuais dessa natureza. Todavia, esse fenômeno de introdução de “novas” estruturas vocabulares no sistema linguístico, que autoriza a substituição de algumas formas em detrimento a outras, em ritmo lento e gradativo no decurso do tempo, comprova que a língua, ao contrário do que faz parecer a gramática normativa, encontra seus próprios meios de oxigenar seus mecanismos de comunicação e expressão, e é por eles que ela se reveste perenemente de um caráter mutável, variacionista. A esse fenômeno, os linguistas atribuem o nome de gramaticalização que, grosso modo, se traduz na transição semântica de um item lexical de uma dada categoria a outra por força de seu uso constante entre os falantes de uma comunidade linguística.

Essa gramaticalização da forma *a gente* pode ser entendida através da seguinte análise estrutural, conforme Martins (2014): o vocábulo *gente* vem do substantivo latino *gens*, *géntis*, que significa “povo”, elucidando um sentido de pluralidade; com o passar do tempo o substantivo *gente* assume o significado de “toda e qualquer pessoa” (função de pronome indefinido); depois essa palavra passa por processo de dessemantização e extensão do uso até chegar à forma atual *a gente* como pronome sujeito. Esse processo de pronominalização da forma *a gente* em português teve início no século XVI, e sua evolução ocorreu de forma lenta e gradual.

Sobre a gramaticalização desse sintagma nominal, Castilho (2010) comenta que há pesquisas apontando uma reorganização nos pronomes pessoais do Português Brasileiro (doravante PB) e coloca, no quadro de pronomes, *a gente* na posição de 1ª pessoa do plural,

reforçando que o *a gente* e *nós* são vistos pelos brasileiros como sinônimos.

Se observarmos o discurso falado no PB, notaremos uma preferência de uso da expressão *a gente* ao invés de *nós*, principalmente pelos falantes mais jovens e a razão para isto é que eles apresentam uma tendência naturalmente maior do que outras faixas etárias na aceitação do “novo”. Na realidade, são eles que – em termos de mudanças linguísticas – promovem verdadeiras revoluções no âmbito do idioma materno, quer nas estruturas morfossintáticas quer nas relações semânticas. Não obstante, é inegável o papel de relevância que os jovens desempenham para o processo de variação linguística de seu idioma materno, o que se revela evidente na escolha do sintagma nominal *a gente* para a representação da 1ª pessoa do plural nos momentos da fala espontânea bem como dos registros escritos. Segundo Bagno (2011) falantes do PB entre 17 e 25 anos apresentam uma preferência bastante significativa da variante *a gente* na posição de sujeito na oração. Isso implica, para o autor, que há uma futura possibilidade de desuso do pronome *nós*, assim como vem ocorrendo com o pronome *vós*.

Bagno (2011) também faz uma crítica sobre a forma como esse assunto é tratado nas escolas e nos livros didáticos, que explicam as diferenças entre *nós* e *a gente* dizendo que o primeiro aparece em situações mais monitoradas e o segundo em situações menos monitoradas, ou seja, a escola está tentando impor esse uso mencionado acima como “regra”, descartando a realidade do falante do PB que já usa o *a gente* em situações mais monitoradas. Com isso, pode-se perceber, na visão linguística, que o emprego do *a gente* vem se tornando uma variação estável, promovendo uma tendência à invariabilidade.

Com base na visão sociolinguística analisaremos o emprego das formas pronominais *nós* e *a gente* na escrita escolar. Para tanto, partimos do pressuposto que haverá maior uso do pronome *nós*, levando em consideração o papel da escola de propagadora da norma padrão. Entretanto, acreditamos que o uso dessa forma conservadora não será soberano tendo em vista a interferência da fala na escrita dos educandos.

3 Procedimentos metodológicos

O que propomos, neste estudo, é analisar a variação linguística que ocorre entre os sintagmas nominais *nós* e *a gente* na escrita de alunos do 7º ano de uma escola da rede pública de ensino da cidade de João Pessoa/PB. Nosso intuito não é apenas observar como esses pronomes se comportam, mas também mostrar evidências do reflexo da fala na escrita

dos educandos, independente das imposições da gramática normativa. Percebemos esse reflexo nos fragmentos abaixo retirados das cartas particulares produzidas pelos discentes.

1. [...] nós estamos falando sobre você, fizemos até uma pequena homenagem em forma de ilha poética com sua obra “Lua de tapioca” [...]
2. [...] adorei os seus poemas tipo “Paisagem do interior”, também a gente fez uma apresentação do poema “Lua de tapioca” [...]

Para a descrição e análise de *corpus*, utilizamos uma amostra composta por 20 produções textuais que foram produzidas no dia 22 de agosto do ano corrente por alunos com faixa etária entre 11 e 13 anos, cursando o 7º ano do ensino fundamental. Cada aluno produziu uma carta pessoal direcionada ao poeta Jessier Quirino, escritor paraibano homenageado na escola, local cuja pesquisa do emprego dos pronomes *nós* e *a gente* se desenvolveu.

Antes da produção escrita, foi solicitado que os discentes focassem o sujeito das orações na 1ª pessoa do singular *eu* ou na 1ª pessoa do plural *nós*, no intuito de condicioná-los ao emprego da norma padrão que apresenta, muitas vezes, o quadro de pronomes com a ausência da forma *a gente* como 1ª pessoa do plural.

A metodologia desse estudo tem como base perceber e analisar, na escrita do aluno, o uso dos sintagmas nominais em questão levando em consideração fatores como a escolaridade do estudante, o tema proposto para a realização da produção de texto e o gênero textual trabalhado na sala de aula. Além disso, tem também como base verificar a necessidade de nós, professores de língua portuguesa, trabalharmos a existência dessa variação linguística nas aulas gramaticais.

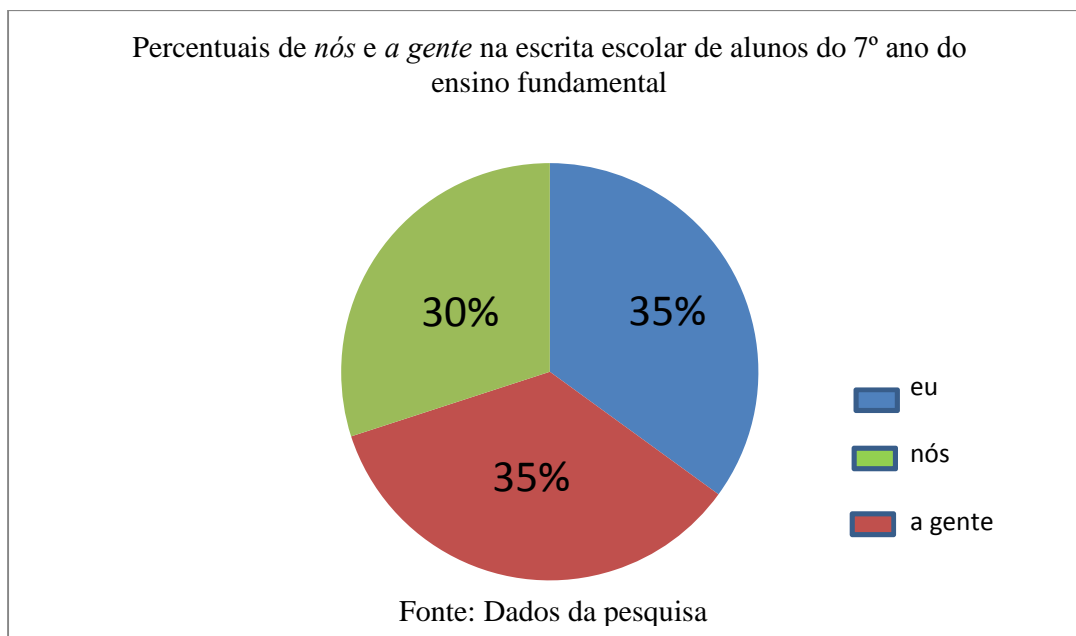
A hipótese levantada é a de que a ocorrência do pronome *a gente* nas produções textuais dos alunos participantes da pesquisa, educandos do 7º ano, seja bastante presente, pois a marca da oralidade se faz atuante na escrita do falante, principalmente quando este apresenta uma maturação de escolaridade consideravelmente pequena em relação, por exemplo, aos discentes do ensino médio e do ensino superior.

Além disso, o gênero textual que foi utilizado em nossa pesquisa para o levantamento do *corpus*, carta pessoal, instiga o aparecimento dessa variação linguística, por ser um gênero que se aproxima da linguagem informal e da oralidade.

4 Resultados e discussões

4.1 A variação e a análise percentual de dados

Após a análise do *corpus*, obtivemos o seguinte resultado: 7 produções textuais apresentaram o emprego da primeira pessoa do singular *eu*; em 6 produções o emprego do pronome *nós*; e em 7 textos a presença do *a gente*. Esses resultados apresentam percentuais de 30% para o uso do *nós* e 35% para o *a gente*, conforme expomos no gráfico, que indicam a forte presença da fala na escrita, uma variante consagrada pelo uso linguístico.



A maioria dos manuais orienta o ensino de língua na escola adotando o quadro dos pronomes pessoais vigentes nas gramáticas tradicionais que excluem o *a gente* pronominal. Mas, segundo o gráfico acima, a frequência de *a gente* na escrita escolar mostra que a pressão normativa em favor de uma norma padrão, nem sempre é soberana. Mesmo os alunos sendo instruídos a usarem o pronome *nós*, ocorreu, de forma significativa, o emprego da forma *a gente*, comprovando a influência da fala na escrita do discente.

Vale salientar que, segundo Lopes (2012), quando se faz menção ao uso do *a gente* pronominal nas escolas o fazem considerando esse sintagma nominal como uma forma linguística pertencente à língua falada. Há uma tentativa de dissociação entre esse pronome e a linguagem escrita.

4.2 A variação e o fator escolaridade

Por se tratar da escrita de alunos do 7º ano do ensino fundamental, a variante escolaridade constitui um fator social de peso na inclusão, exclusão ou manutenção de formas gramaticais, pois indivíduos tendem a seguir a seguinte correlação: menor escolarização, menor uso das formas padrão; maior escolaridade, maior emprego das formas padrão. No início da escolarização, os alunos utilizam mais o seu conhecimento gramatical da fala para a escrita, mas a norma padrão tenta implantar uma pressão normativa em favor do pronome *nós*, exercendo um papel preponderante na recuperação dessa variante na língua escrita.

4.3 A variação e o fator tema da produção textual

Outro fator que influencia na escrita escolar é o tema da produção textual. De acordo com Labov (2008) os temas que relatam experiências pessoais dos informantes envolvem um discurso mais livre, promovendo o emprego de variações linguísticas. Sendo assim, como a nossa amostragem trabalhou com o gênero textual carta pessoal, o aluno se viu envolvido em uma atmosfera de relatos de experiências pessoais vividas, favorecendo a seleção significativa da expressão *a gente* na escrita proposta, como observamos nos fragmentos abaixo.

3. [...] toda festa que a gente tem na escola [...]
4. [...] obrigado Jessier Quirino por tudo que você fez pra gente.
5. [...] a gente leu ela para a escola toda [...]
6. [...] Estava lendo suas poesias, são ótimas, faz a gente refletir [...]

Todos os falantes modificam algumas variáveis à medida que há mudança de tema da conversa e do contexto social. "Somos verdadeiros camaleões linguísticos, isso é, não falamos sempre do mesmo jeito, mas adaptamos nosso mundo de fala ao ambiente em que estamos[...]" (FARACO, 2001, p. 165). Esse processo não se faz diferente na escrita.

Embora os textos dos alunos tenham sido produzidos mediante certo grau de monitoramento da escrita, os resultados fornecem evidências de que o tema relacionado às experiências pessoais dos alunos na escola induziu a um menor grau de monitoramento na escrita, gerando a ocorrência significativa do *a gente* pronominal, corroborando a hipótese de que os temas que envolvem experiências vividas pelos informantes tendem a levá-los ao uso

de variações linguísticas, uma vez que esses ficam tão envolvidos com o que relatam que acabam prestando menos atenção ao que escrevem.

4.4 A variação e o fator gênero textual

O gênero textual escolhido para o levantamento de *corpus* influenciou nos resultados obtidos em relação à escolha da forma *a gente*. Sendo a carta pessoal uma narrativa que se aproxima da oralidade, que apresenta características da modalidade oral em sua forma escrita, o uso do sintagma em questão nesse gênero é bem aceito, até mesmo pelos mais cultos.

Travaglia (2009) diz que tanto a língua escrita e a oral apresentam um conjunto próprio de variedades de grau de formalismo. A tendência para maior regularidade e maior formalidade está nas variedades de grau de formalismo da escrita. Mas é importante lembrar que podemos ter textos muito formais na língua falada e textos com um grande grau de informalidade na língua escrita, como exemplo a carta pessoal. Por isso a ocorrência do emprego do pronome *a gente* nas cartas produzidas pelos alunos da nossa pesquisa.

A resistência ao uso do sintagma nominal *a gente* praticamente inexistente quando utilizamos gêneros textuais de menor monitoramento estilístico como a carta pessoal. Sua grande proximidade aos traços caracterizadores da língua na modalidade oral possibilita um campo propício para o emprego dos “desvios” da norma padrão, o que explica a frequência do uso da forma *a gente* em gêneros textuais dessa natureza.

Vale ratificar que gêneros textuais de padrão formal, a exemplo dos trabalhos acadêmicos, mostram uma resistência maior ao uso da variante *a gente* devido ao caráter de perenidade que reveste a escrita, fazendo com que as pessoas reflitam em maior escala em função do gênero adotado sobre as palavras que irão constatar no papel.

5 Conclusão

Focamos, neste trabalho, o uso variável dos sintagmas nominais *nós* e *a gente* na escrita escolar do ensino fundamental com a intenção de analisar a frequência de uso dessas formas pronominais e os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam tal variação.

Mesmo diante da pressão normativa em favor da variante *nós*, verifica-se, através dos percentuais obtidos, que o *a gente* pronominal se fez bem presente na escrita dos alunos, levando em consideração a escolaridade do estudante, o tema proposto para a realização da

produção do texto e o gênero textual trabalhado na sala de aula. O emprego marcante desse sintagma nominal caracteriza uma variação estável, uma tendência à invariabilidade.

Diante da variação analisada nesse estudo, as questões do certo ou errado na língua falada, principalmente na escrita, estão ligadas ao ensino da gramática de uso, da gramática reflexiva e da normativa, e cabe “a gente”, como professores de língua portuguesa, saber mostrar, de forma consciente, essa e outras variações da língua ao educando.

Enfim, a variedade da língua tem uma grande importância na vida dos sujeitos ativos e participativos nos processos interativos que permeiam a sua vida social, não devendo ser rebaixada diante da norma padrão. Essa concepção deve ser trabalhada desde o início da formação dos indivíduos nas escolas, promovendo a formação de pessoas críticas e com competência comunicativa evitando assim, dogmas e preconceitos.

6 Referências

- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FARACO, C. A. (Orgs.). *Estrangeirismo: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOPES, C. A. *A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. Fórum Linguístico, Florianópolis, 2003.
- MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. (Orgs.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- PAGOTTO, E. G. *Norma e condescendência; ciência e pureza*. Língua e Instrumentos Linguísticos, n. 2, 1998.
- PERINI, M. *Para uma nova gramática do Português*. São Paulo: Ática, 1995.
- SMANIOTTO, J. *O uso do a gente no lugar do pronome nós entre os falantes de Língua Portuguesa*. 2010. 43 f. Trabalho de conclusão do curso de Letras e Respectivas Literaturas (Dissertação) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009.